

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

2ª SÉRIE

2º ANNO — AGOSTO DE 1873 — N.º 8

PORTO ALEGRE

TYPOGRAPHIA DO — CONSTITUCIONAL —

1873

REVISTA MENSAL

DE ECONOMIA E SOCIEDADE

REVISTA MENSAL DE ECONOMIA E SOCIEDADE

DE ECONOMIA E SOCIEDADE

DE ECONOMIA E SOCIEDADE

DE ECONOMIA E SOCIEDADE

DE ECONOMIA E SOCIEDADE

DE ECONOMIA E SOCIEDADE

ESBOÇO BIOGRAPHICO

DR. LUIZ DE FREITAS E CASTRO

O dia 14 de Maio de 1871 foi de pezar para a provincia do Rio Grande ; mais um filho que a honrava desceu, n'essa data, ao sepulchro, e com elle mais uma gloria desapareceu.

A sociedade de Porto Alegre curvou a fronte entristecida e pranteou a morte do Dr. Luiz de Freitas e Castro.

Para aquelles que o conhecerão de perto, que apreciarão a nobreza dos sentimentos que ião n'aquelle coração, e admirarão a grandeza do seu espirito, torna-se ocioso este esboço biographico ; fazemol-o pois para os que não tiverão a fortuna de o conhecer, e se interessão pelos homens illustres, pelos grandes vultos.

Verdade é que fracos nós reconhecemos para traçar algumas linhas que recordem o distincto jurisconsulto, ou antes o oraculo dos advogados ; mas suppre-nos a fraqueza a boa vontade sempre merecedora de benevolencia.

E' assim que vamos ainda que rapidamente fazer o historico do illustre morto

A provincia do Rio Grande, que tem sido o berço de tantos homens que por suas sciencias e aptidões se tem tornado dignos do respeito e estima de seus concidadãos, teve tambem a ventura de ouvir os primeiros vagidos do homem que por seus talentos e suas virtudes soube grangear a sympathia publica ; foi tambem o berço do Dr. Luiz de Freitas e Castro, que n'ella vio a luz aos treze dias do mez de Outubro de 1815 na cidade de Porto Alegre.

Filho de João Marinho de Freitas e de D. Felicidade Perpetua de Castro, ambos distinctos por seus elevados sentimentos, foi Luiz de Freitas educado nos preceitos de uma sã moral ainda mais desenvolvida em seu coração pelos padres Juliano e Chagas seus preceptores na juventude.

Tendo estudado n'esta cidade sob a direcção de tão illustrados mestres, Luiz de Freitas adquirira os conhecimentos precisos para fazer carreira, e na idade de 18 annos matriculava-se, em 1833, na academia de direito em S. Paulo, sendo-lhe collado o gráo de bacharel em 1839.

Ali, no meio de uma brilhante pleiade de robustos talentos, não foi somenos o de Luiz de Freitas, ao contrario, destacou-se sempre, e muitas vezes, envolvido em transcendentés questões de direito, obtivera a palma que o autorisára, fazendo-o consultor de seus collegas.

De volta á esta cidade, logo depois de formado, aqui sempre residio, exercendo a profissão de advogado, e sendo considerado o mais abalisado, já por seus conhecimentos profissionaes, já por sua inteireza de caracter.

Homem de crenças e principios inabalaveis, foi o Dr. Luiz de Freitas e Castro um dos mais bellos ornamentos do partido conservador na provincia, representando-o como chefe.

A politica para elle não era esse continuo oscillar de crenças que mudão com os governos, e que deturpão os homens, não era um movel aos caprichos de mesquinhas paixões, mas sim uma religião que abraçára e identificára-se com a sua vida cheia de rasgos de generosidade.

Assim foi que o suffragio popular bafejou-lhe sempre, exercendo elle varios cargos de eleição, e tomando assento na camara temporaria durante a sessão de 1853, quando administrava a provincia o conselheiro Cansanção de Sinimbú.

Tanto ali como na assembléa provincial, aonde occupou uma cadeira em muitas legislaturas, e seguidamente, o Dr. Luiz de Freitas houve-se com distincção, nunca mentindo á sua consciencia, nunca falseando um só dos principios que fazião o apanagio de sna nobre alma.

Typo em que resplandecião todos os bons sentimentos, era patriota, era caridoso e era sincero.

Ria quando a sua patria era feliz, e entristecia quando ella marasmava em seus dias aziagos; sentia quando a indigencia lhe ia esmolar, e comprazia-se dispensando-lhe o obulo confortativo; sincero em suas relações tinha em cada individuo um amigo, e em cada amigo um admirador.

Era assim o Dr. Luiz de Freitas e Castro; e se alguma vez nuvem negra appareceu em seu limpido céo, desfez se açulada

pelo riso do homem superior, cujos actos erão dictados por justa consciencia.

Não sabemos em que data o Dr. Luiz de Freitas unio-se pelos laços matrimoniaes á Exma. Sra. D. Josefa de Menezes Castro; apenas sabemos que d'esse feliz consorcio existem seis filhos.

Eis resumidamente a vida do cidadão que a morte em sua passagem arrebatou á sociedade, e que por mais de um titulo tornara-se merecedor do geral respeito.

Que a mocidade, contemplando hoje o retrato do Dr. Luiz de Freitas, procure imitar as qualidades do finado, é o que almejamos, convictos de que serão bons cidadãos aquelles que seguirem as pegadas dos grandes homens.

Quanto á nós, ainda que professemos idéas adversas, cumpri-mos um dever sagrado, rendendo, quanto em nossas forças cabe, merecido culto á sua memoria.

ARAUJO E SILVA.

Porto Alegre 8 de Agosto de 1873.

MÃI DO OURO

XVI

TEMPESTADE E MORTE

Os crepulos da tarde avermelhados estendião-se pelos céos ;
o sol no occaso submergia-se n'um clarão afogueado . . .

Era a hora vespertina em que o dia apaga-se na noite, e a
noite deslaza-se do dia . . .

Do fundo das canhadas as sombras ampliando-se, passo a pas-
so galgavão as cochilhas. Com ellas a noite subia.

Sobre a terra fazia-se a escuridão, enquanto o ultimo tom de
luz do dia no firmamento se esvahiã n'uma facha alourada . . .

E a noite como o dia apresentava-se ardentissima.

A calma que precede á tempestade, imperava ainda. O disco
d'ouro da lua fulgia n'uma bandeira azul do espaço em que a mi-
nima nuvem não esvoaçava. De intervallo em intervallo um cla-
rão fulgia no horisonte, e um debrum de fogo após listrava as
nuvens perdidas.

Mais tarde nuvens negras começarão nos cantos agruparem-
se, enquanto as estrellas se obumbravão em cortinas luctuosas . . .

Em intermitencias debil ruido se dilatava até perder-se no va-
cuo. As franças do arvoredado fremião e soava no seio da noite o
garrulo gafeio dos quero-queros vigilantes . . . e proseguia a
calma.

Por vezes um rumor de vida se levantava, para succumbir ao
pezo d'um silencio esmagador.

Ao perpassar da aragem que agitava as arvores, de repente
succedeu lufada após lufada.

Annita de sua janellinha contemplava esta natureza em paroxismos; irmã de sua alma, ella ia debater-se em commoções; irmã de sua alma ella ia ter o seu transe de agonias.

Do lado dos pampas infinitos um negrume impenetravel como um mundo de trevas alongava-se pelos céos. A sua cauda sinistra cosia-se com a longiqua savana.

A tempestade ahi se aninhava, antes de solta vir rebolcar-se pela terra; ahi o raio, jaguar das procellas, aguçava as garras; ahi luzia a enorme pupilla rubra esverdeada da fera da tormenta.

Um sopro ardente como se fosse d'um folle volcanico atirou-se na disparada do lado dos pampas, sibilando como um wagon infernal. Era a primeira guerrilha do minuano pampeiro.

Após este, outro mais impetuoso, um outro, e um outro ainda!...

Depois foi vendaval desabrido: fez-se a anarchia nos elementos. A mão que os governava soltou as redeas aos corseis diabolicos, que nitrindo e espumando de raiva, arrastão nos campos da eternidade, aos trambolhões, o carro da tempestade!...

Aos impetos irresistiveis da ventania rolão pelo flanco das cochilhas as arvores arrancadas, tombão no alto das moutadas as batingas sculares. Uma alluvião de luz desabrocha; é o relampago incessante que luz; uma fita de fogo listra as nuvens e esgueira-se coruscante na mataria negra: uma espada de fogo arranha o espaço e lasca a arvore cortando meio a meio o gerivá esguio pelo tronco: é o raio que tomba.

Nô meio da confusão retumba a voz da trovoad. As cascatas do céu quebrando as represas que as detêm, despenbão-se.

Annita contempla assustada e deslumbrada este espectaculo da natureza estupendo e magnifico.

As aguas espumando, rolão em catadupas pelas vertentes das canhadas. O vento rugo pelas cochilhas e trôa atterradora a orchestra da trovoad.

Da janella contempla Annita os umbús que se debatem convulsivamente affrontando o vendaval. Em quinhentas lutas titanicas como esta têm elles se encontrado, e como destroços de combate, deixado apenas, a folhagem esparsa pelas campinas, e alguns galhos despedaçados.

Cheias de electricidade, as nuvens impellidas desordenadamente pelas ventanias se entrechocão; trôa e retrôa a artilheria dos espaços; o relampago ata e desata a facha luminosa d'onde cahe de instante a instante uma espada de fogo na campina, uma espada de fogo na mataria!...

Fendem-se as nuvens frente a frente á janellinha de Annita; o relampago distende-se; solta-se um raio a prumo.

« Jesus! » bradou Annita, recuando livida; um cheiro de

enchofre enchia a camara. Ao ruido medonho de uma queda esmagadora a casa estremeceu em suas bases.

Quando a menina recobrou o folego, chegou-se ao peitoril da janellinha. Uma selva de ramagem desgrenhada estendia-se no terreiro: um dos umbús gigantes tombára decepado pelo raio.

Decepado pelo raio!...

Frondoso, agigantado umbú! monarcha das campinas, orgulho de meus pagos!...

Sobre a madrugada a tempestade pernoitou.

O sol despontou brilhante sobre as campinas alagadas, alumando o scenario da batalha juncado de destroços. Pelos escoadouros das cochilhas em negros borbotões se escoava a agua.

Annita olhava ainda estupefacta de dôr, o companheiro de sua infancia, á cuja sombra muito descansára de suas fadigas de creança, estendido no terreiro.

Annita olhava desvairada a arvore corpulenta, torcida como a creciúma, deitada ao lado de sua irmã robusta.

A' mais esta contrariedade sua alma desnorteada, sentia-se prestes a naufragar no seu mar illimitavel dos pezares.

Um consolo não havia tido ainda e os seus dissabores accumulavão-se.

Annita desceu a ladeira da casa. O sabiá enlanguecia as melodias matutinas pousado na lorangeira; ao redor da lagôa guinchando voava e revoava o bando das irerês; os quero-queros garciavão na extrema da campina, e as alvas capororocas de longo collo negro emballavão-se ao marulhar das aguas, arrufando a pennugem deslumbrante.

Ao approximar-se do açude affastou-se da opposta margem um casal de tacaans, e o seu grito agudo e rouco resoou nos ares. Nas barrancas crescião os agua-pés.

Annita colheu uma flôr branca cujo calix entreabria-se aos fulgores da manhã.

Lembrando-se da ingratição de Leonel, as suas lagrimas a custo retidas desatarão-se sobre a flôr.

Apressada voltou para casa e encerrou-se no seu quarto para mais a vontade poder chorar.

Prendeu a flôr do agua-pé ao peito do vestido e debruçou-se na janella.

Mas subito sentio debater-se sob seu seio dando lategadas de desespero, um animal qualquer; e da flôr se esguichou assanhada uma coral.

A menina fulminada de susto não deu um passo. A coral enleando-se-lhe no braço mordeu-a, e esgueirou-se pela janella abaixo...

Annita rio-se com a expressão de martyr, e depois suas lagrimas suscitadas pelo pavor, uma a uma desfiarão-se.

Reclinou-se na cadeira, fechou os olhos e vio na sua imaginação passar Leonel convalescente apoiado ao seu braço tremulo; ouvia as palavras doces que elle baixinho pronunciava, com sonoro acerto ao seu ouvido lisongead, e n'esse sonho embevecida deixou o tempo correr.

Depois seus labios não pronunciarão mais palavra, seus olhos não derramarão uma lagrima, o seu corpo quedou-se immovel.

Pela janella aberta o beija-flôr entrou. Zumbindo sobre as azinhas pairou fronteiro ao rosto de sua gentil senhora. Aos louros toques de luz que enchião o quarto, irradiou-se de mil fulgores; a tunica verde dourada da plumagem arrepiava-se de scintillações furta-côres, e na gargantilha coruscaua uma labareda rubra.

Mas a morena virgem, a seductora filha do posteiro, não morava mais em casa de seus pais terrestres. . .

Deixára para sempre os pagos natalicios. ¹

VICTOR VALPIRIO.

1873.

Resculpem este peccado : sahio mais feio do que eu queria. Mas o tempo, o tempo. . . não é para todos.

AURELIA

PERSONAGENS DO DRAMA

AURELIA, actriz.
HELENA »
LAURA, criada.
MARCAL, marinheiro.
DR. AUGUSTO.

ALBERTO.
VALLADARES, jornalista.
BARÃO DE UBÉRABUTINGA.
LEOPOLDO.
JORGE BRADLEY.

Um criado, marinheiros, um tocador de realejo

Sete annos depois no Rio de Janeiro

ACTO I

Uma sala simplesmente mobiliada

SCENA I

Laura e depois Valladares

LAU. (*espanando os moveis*) — Alguem sobe as escadas.

VALL. — Oh! a minha esquivia! Bom dia, seductora Laura.

LAU. (*continuando o serviço*) — Bom dia, Sr. Valladares.

VALL. — Tua ama já foi para o ensaio? (*Consulta o relógio*).

LAU. — Já sim, senhor. (*á parte*) Que homem antipatico!

VALL. — Julguei que era mais cedo; quasi meio dia. . . .
(*Sentando-se*) Mas como vais tu passando, menina? Sempre bella e adoravel, sempre um demoninho esquivo. . .

LAU. (*com dignidade*) — Engraçado!

VALL. — Não perdes o costume de maltratar-me. . . Pois olha, não tens razão, . . . pagas o bem com o mal. Se quizessees aceitar um partido. . . (*Laura dá-lhe as costas*) Pelas almas! escuta-me primeiro; se por ventura. . . E's una ingrata. Aceitas uma proposta ou não?

LAU. — E' escusado fallar, porque não lhe dou attenção. (*à parte*) Já se vio uma creatura mais importuna! (*arranjando os vasos e espanando os espelhos*).

VALL. — Fica sabendo que hei de perseguir-te eternamente. Que queres, estou perdido de amores por ti. Culpa esses olhos, estrellas scintillantes luzindo em minha alma. . .

LAU. — Ah! ah! ah! que asneira! ninguem dirá que é um homem casado! Hoje em dia os casados são mesmo os peiores.

VALL. (*levantando-se*) — Sempre mostras que és uma caipirinha.

LAU. (*retirando-se*) — Até vêr, Sr. Valladares.

VALL. — Adeus, minha joia

SCENA II

Valladares e o Barão de Uberabutinga

BAR. (*à parte*) — Ui! quem está por cá! (*dirigindo-se à Valladares*) Como tem passado, Sr. Valladares?

VALL. (*cumprimentando-o*) — Ah! meu caro, Sr. barão! V. Ex. passa bem?

BAR. — Assim, assim; vai-se vivendo. Então que novidades ha? Um jornalista sempre tem que contar. E' verdade que o ministerio está abalado? A opposição tem sido tremenda e as cousas vão mal.

VALL. — Digo-lhe que é uma época. . . de interesse.

BAR. — O senhor como jornalista do partido. . .

VALL. — De todos os partidos, Sr. barão.

BAR. — Descreu dos politicos? Homem, e não deixa de ter razão; a gente nem sabe mesmo em quem confiar. . . Por isso eu cá. . .

VALL. — Nós, os homens experimentados, que conhecemos e lidamos todos os dias com a raça eterna dos cameleões politi-

cos, precisamos mudar como elles. Jano é a expressão da sociedade em que vivemos. Sou franco, Sr. barão, e tenho coragem para dizel-o: a imprensa é uma arma poderosissima nas mãos de quem sabe esgrimil-a. Em todas as posições sociaes é preciso arte e industria para attingirmos o alvo de nossas ambições, quaesquer que ellas sejam.

BAR. — Não ha duvida.

VALL. — Não me venhão dizer que a imprensa é um apostolado... Comprehando que deve sel-o; porém máo grado nosso a prohibidade e os sacrificios são attributos de reputação ephemera. Os doutrinarios recuão espavoridos diante d'esse leviathan que se chama — opinião publica.

BAR. — O senhor tem estudado os homens.

VALL. — Conheço-os de perto. A opinião publica, Sr. barão, corteja aquelles que, como V. Ex., trazem medalhões ao peito; que, como eu, têm a necessaria audacia para encaral-a; ao passo que despreza e esmaga o merito, a abnegação, o escrupulo.

BAR. — A experiencia é a melhor e a mais sabia conselheira.

VALL. — A politica é uma comedia, Sr. barão; a imprensa é o scenario, onde os homens passão ora aggredidos, ora lisonjeados. Divertimo-nos todos. Ah! ah! ah! Quer saber o que é a opinião publica?

BAR. — Alguma theoriã celebre.

VALL. — Com V. Ex. mesmo provo o que ella é e continuará a ser...

BAR. (*com surpresa*) — Está gracejando...

VALL. — Fallo serio,

BAR. (*á parte*) — Que diabo irá elle dizer! Que terriveis suspeitas.

VALL. (*sentando-se*) — V. Ex., por exemplo, para chegar... E' uma historia, Sr. barão... V. Ex. para chegar á altura em que se acha collocado hoje, commetteu um cem numero de subtilizas...

BAR. (*agitado*) — E os factos? Onde estão as provas?!

VALL. — Perdão, ainda não conclui; havemos de chegar a um fim amigavel... Queira ouvir. V. Ex., como dizia, commetteu um cem numero de infamias, (*o barão faz gestos de indignação*) do mesmo modo que eu, constituindo-me orgão da opinião publica, commetto todos os desacatos com a sancção d'essa mesma opinião publica.

BAR. (*menos contrariado*) — Porém... é preciso provar que...

VALL. — Eu sei que V. Ex. enriqueceu com a mesma facilidade com que vendo os meus typos áquelles que mais me offercem. Tudo é licito, quando não ha escrupulos.

BAR. (*sorrindo*) — O Sr. Valladares tem ao menos a virtude da franqueza.

VALL. — V. Ex. tinha ainda 15 annos, quando subtrahio a pequena quantia de 608000...

BAR. (*furioso*) — Mente, digo-lhe que é uma falsidade clamorosa!

VALL. — Queira ouvir, Sr. barão. Aos 20 annos, se não me falha a memoria, falsificou V. Ex. a firma de um seu tio e fugio para as Indias, levando a importancia de doze contos.

BAR. (*ainda mais furioso*) — Mas isto é uma calumnia!!

VALL. — Passados cinco annos casou-se V. Ex. no Pará e...

BAR. (*á parte*) — E esta! solemne patife!

VALL. — E quando regressou ao Rio de Janeiro, ha 7 annos, trazia um nome supposto e uma fortuna consideravel, que pouco á pouco foi redobrando com as notas falsas, que os amigos lhe consignavão em barris de paios, etc., etc.

BAR. (*desesperado*) — Basta, senhor! Isto é a maior das infamias! Uma reputação como a minha...

VALL. — Porque se agasta, Sr. barão? Digo-lhe sinceramente que é um homem de elevados dotes. Não o censuro, nem condemno; longe de mim semelhante intenção. Eu só tenho applausos e louvores para V. Ex. As espertezas e habilidades do Sr. barão grangearão-lhe uma commenda e depois o titulo que tanto o honra e distingue!

BAR. — Ora vamos, e não ha tantos por ahi como eu?

VALL. — Chegamos á terra da promessa!... Certamente, e ninguem ousará contestar um corollario. O que tambem é uma inferencia, Sr. barão, é que muitos d'elles são moços fidalgos, commendadores, barões, titulares emfim; todos homens de bem e respeitados pela sociedade como V. Ex.

BAR. (*rindo-se*) — Ah! ah! ah! o senhor é das arabias! (*Á parte*) Que monstro!

VALL. — Aqui tem V. Ex. o que é esta sociedade tão abundante de louvores para uns, tão severa e inexoravel para outros. E' mister ser actor n'esta farça mundana. A vida torna-se difficil e precaria para aquelles que não a querem comprehender.... Sestros! A aranha move-se e agita se facilmente na teia. A vida é tambem uma teia; toda a sciencia consiste em não nos emmaranharmos.

BAR. — Exactamente; as suas theorias não deixão de ser profundas.

VALL. — E' o raciocinio da experiencia... (*Pausa*) Agora, Sr. barão, fica-me V. Ex. conhecendo, como eu tinha a subida honra de o conhecer e apreciar.

BAR. (*com regosijo*) — Oh! obrigado, obrigado! (*Pausa*)
Antes que me esqueça; queria fazer-lhe um pedido...

VALL. — V. Ex. manda.

BAR. — Posso confiar que mais tarde...

VALL. — Comprehendo... V. Ex. não receie cousa alguma...

BAR. (*estendendo a mão*) — Obrigado.

VALL. (*em acto de sahir*) — V. Ex. póde emprestar-me 200\$ réis...

BAR. — Ora, ora, mais que exigisse, meu caro Sr. Valladares!

VALL. — Então posso procurar V. Ex....

BAR. — Encontra-me amanhã pelas dez horas no escriptorio.

VALL. (*despedindo-se*) — Mil vezes agradecido.

BAR. — Se precisar de maior quantia...

VALL. — Obrigado, Sr. barão; não me despeço dos seus obsequiosos prestimos. Até depois. (*sahê*).

BAR. (*acompanhando-o*) — Até vêr, Sr. Valladares.

SCENA III

Barão, só

Refinadissimo patife!... Como se explora a honra de um homem, como se delapida...! Vagabundo sem igual, maltrapilho, quebra-esquinas!!... O que tu precisavas eu bem sei refin... Ora já se vio...200\$000!... E esta! Ah! cadeia, cadeia!... Como a imprensa está corrompida!! (*Pensativo*) Estou arruinado... E como me hei de livrar d'este monstro...é capaz n'um bello dia... Estou arruinado, não ha duvida!

SCENA IV

Barão, Aurella e Helena

AUR. (*cumprimentando o barão*) — Não esperava encontral-o, Sr. barão.

BAR. (*ainda agitado*) — Antes não tivesse vindo...

HEL. — Porquê?

BAR. — E' cá uma cousa...

AUR. (*tirando o chapéo*) — Sente-se incommodado?

BAR. (*disfarçando a colera*) — Não é nada, não é nada, minha senhora.

HEL. — O que tem, o velho?

BAR. (*baixo á Helena*) — Quer que repita que não tenho cousa alguma?!

HEL. (*baixo para o barão*) — Parece que está doido! (*dá-lhe as costas*).

BAR. (*á parte*) — Que dia aziago! que inferno!!

AUR. — Com licença, Sr. barão, vou vér o filhinho, que dei-xei com alguma febre.

BAR. — O Arnaldo está doente?

AUR. — Creio que são vermes... (*Sahe*).

SCENA V

Barão e Helena

BAR. (*á parte*) — 200\$000!

HEL. (*aproximando-se do barão*) — Que tem, papai?

BAR. (*impaciente*) — E's uma eterna palreira!

HEL. — Se perdeu o miôlo, adeusinho.

BAR. — Vem cá, diabrete dos meus peccados; por tua causa mesmo...

HEL. — Por minha causa... Alguma novidade? Ciumes? Máo.

BAR. — Estás hoje insupportavel e não estou para aturar...

HEL. (*puchando-o pelo braço*) Aonde vai?

BAR. (*voltando-se*) — Que demora foi essa no theatro?

HEL. — Não sabe que estamos ensaiando drama novo? E' verdade: que solução tem o meu bilhete? Preciso muito d'aquelle dinheiro.

BAR. — Pois fique sabendo que não a sirvo...

HEL. — N'este caso... Pois tem coragem de negar-me 200\$000?

BAR. — Estou determinado.

HEL. — Rompe então...

BAR. — Pensão que sou uma mina!

HEL. (*pisando-lhe no pé involuntariamente*) — Está tudo acabado entre nós!

BAR. (*sentindo horriveis dôres*) — Ui, ui! que dôres, que horriveis dôres! Ainda mais esta para cúmulo do meu tormento! (*Sentando-se*).

HEL. — Porém o que succedeu?...

BAR. (*descalçando a botina*) — Pizaste-me, estouvada!

HEL. — Foi involuntariamente; não me lembrei da sua unha encravada.

BAR. — Estou suando de dôres!...

HEL. — Serve-me ou não?

BAR. — Não, não e tres vezes não!!

HEL. — O Sr. é um...

BAR. (*calçando a botina*) — Helena!

HEL. — É' um miseravel!

BAR. — Os meus amigos dizem justamente o contrario.

HEL. — Sei o que me resta fazer. O senhor é incapaz de comprehender o amor da mulher. Alma utilitaria e positiva, tem apenas uma fibra, que sôa ao contacto do ouro! Usurario, não sabe, nem pôde avaliar estes affectos ternissimos do coração!...

BAR. — Phrases sem nexo...

HEL. (*ameaçando-o*) -- Barão, barão, cuidado!

BAR. (*recuando*) — Se estás louca, retiro-me quanto antes.

HEL. (*fingindo um desmaio*) — Depressa, depressa, um copo d'agua!... (*desfallecendo sobre o sofá*) Sinto a vista escurecer...

BAR. (*agitado*) — Um copo d'agua!... (*Sacudindo Helena*) Helena, querida Helena!

HEL. (*rindo-se*) — Ah! ah! ah! o senhor é um imbecil!

BAR. (*furioso*) — Imbecil!

HEL. — Não supponha que brinco... Seja franco, o senhor ama outra mulher; eu sei, disserão-me e...

BAR. — Ora já se vio cousa semelhante!

HEL. — Vamos, tenha coragem para confessar a sua torpe..

BAR. (*ameaçando*) -- Helena! não me faças sahir fóra do sério!

HEL. (*ameaçando-o*) — Fuja de minhas vistas... fuja quanto antes, que um momento de furor fez d'Alexandre um assassino! Ah! o senhor não me conhece e não sabe de quanto é capaz o ciume!... Afaste-se, porque o ciume pôde levar-me ao crime! (*fingindo que procura uma arma no seio*).

BAR. (*recuando timorato*) — Deixa-te d'essas graças, Helena... Olha que sou capaz... de gritar!

HEL. (*supplice*) — Perdão, perdôa-me... O ciume...

BAR. — Sempre me pregaste um susto!

HEL. — Se pudesse avaliar este amor infinito e celestial, que pôde inspirar-me; se fosse possível perscrutar os arcanos d'esta alma...

BAR. — E' serio que me amas?

HEL. — Duvida ainda?

BAR. (*sentando-se*) — Ah! ah! ah! és um demoninho!

HEL. (*mexendo-lhe na cabeça*) — Jesus!

BAR. — O que é?

HEL. — Como tem caspa!

BAR. — Muita; sempre fui assim desde menino.

HEL. — Então, está resolvido a dar-me o dinheiro?... 200\$, uma ninharia.

BAR. — Velhaqueta...

HEL. — Sim ou não?

BAR. — Sim, sim; porém faça cruz na bocca até o fim do mez.

HEL. — Está dito.

BAR. — E vou-me embora, que preciso ir á praça do commercio.

HEL. — Espero-o para jantar.

BAR. — Irei. Até logo. (*Sahindo*).

HEL. — Até logo, papai.

SCENA VI

Helena e depois Leopoldo

HEL. — Ah! ah! ah! acaba doido varrido! (*Batem palmas*) Quem está ahi? Queira subir. (*Vendo Leopoldo*) O amante infeliz!

LEOP. — Eu mesmo.

HEL. — E' persiste?

LEOP. — Que queres, Helena! Perdi-me por ella, não me pertenco, não sou mais o mesmo depois que a vi!... Não é um amor frivolo e banal; é uma paixão que incendeia e devora, que atrophia e mata! Nada me preocupa senão ella; sempre a sua imagem encantadora e celestial em toda a parte!

HEL. — Está perdendo o tempo.

LEOP. — Não importa.

HEL. — Ahi vem ella; deixo-o entregue á sua terrivel e esmagadora indiferença. (*Baixo*) Digo lhe que está perdendo o seu tempo. (*Sahe pela direita*).

SCENA VII

Aurelia e Leopoldo

AUR. (*com amabilidade*) — Ah! não cuidava que estivesse aqui.

LEOP. — A hora é talvez impertuna...

AUR. — Porque? Queira sentar-se, Sr. Leopoldo.

LEOP. (*sentando-se*) — Sei que preparão-lhe uma esplêndida ovação amanhã.

AUR. — Sim?

LEOP. (*tirando um pequeno volume do bolso*) — Se fôra poeta, juntaria os meus cantos aos muitos, que lhe hão de ser dedicados... Deus, porém, sonegou-me a inspiração e o talento...

AUR. — É modestia excessiva.

LEOP. — Não é, felizmente conheço a minha obscuridade; no entretanto...

AUR. — O que é que traz ahí? Desculpe a curiosidade.

LEOP. (*entregando-lhe uma caixinha de veludo*) — O ultimo de seus admiradores sente não poder offerter-lhe uma joia de mais valor...

AUR. (*abrindo a caixinha*) — Um collar de brilhantes! (*fecha-a*).

LEOP. — Queira relevar a exiguidade da offerenda; se tem algum merito, é significar o apreço devido ao talento.

AUR. — Aceito de preferencia a sua amizade.

LEOP. (*attonito*) — Recusa então?

AUR. (*resoluta e levantando-se*) — Recuso: aceito a sua amizade.

LEOP. (*erguendo-se*) — Não comprehendo; é uma desfeita, minha senhora. Que motivos ignotos obrigão-n'a a desfazer-se de um objecto, que já lhe pertence?

AUR. — Vai cahir em conjecturas falsas; peço-lhe que me não recrimine...

LEOP. — Perdão, é uma desfeita... privar-se de uma joia...

AUR. (*com profundo sentimento*) — Joias!... Para que me servem ellas n'esta vida tormentosa, que arrasto?!... Joias! que valor terão ellas para uma mulher, que perdeu para sempre o que ha de mais precioso na terra?! Ah! que me importão a mim ephemeros ourópeis, se o que eu invejo não são por certo os diamantes?!
LEOP. — Escute-me, porém...

AUR. — Meu Deus, como o destino é caprichoso e mudavel!

Hontem era a desgraça mostrando-me a estrada do abandono ; hoje é a fortuna sorrindo á desgraça, que procura um tumulto para esquecer ! (*pausa*) Ah ! meu pai, se as lagrimas pôdem resgatar um erro, estou absolvida !

LEOP. — Porque chora assim ?

AUR. — Joias ! Tudo me offerecem, depois que a mão da caridade repellio-me e o insulto echoou de praça em praça ! Bem vê, senhor, a minha casa é modesta ; e no emtanto, se eu exigisse converter-se-hia em luminoso alcaçar !... Caminho a pé, e se eu quizesse, hoje, agora mesmo teria a minha porta os mais faustos trens !

LEOP. — Eu sei...

AUR. — Quer saber o que me não pôdem dar essas fronteças que se humilham e rojão-se ás minhas plantas, esses cofres que se abrem aos meus caprichos ?!

LEOP. (*apaixonado*) — Escuta-me, Aurelia ; adoro-te e este affecto, este culto immenso, infinito, é tambem um martyrio tremendo !... Amo-te, sim, e poderias dar-me um mundo de felicidade em recompensa de um mundo de ternuras que te offereço !

AUR. — A felicidade ?!... (*Dolorosa*) Eis o que perdi para sempre ; ninguem poderá restituir-m'a !... O senhor pede-me a felicidade, e eu pergunto : onde encontral-a para mim ?

LEOP. — Onde ?... Porque duvidar, quando n'este instante um coração puro esquece os prejuizos sociaes para dizer-te : (*ajoelhando-se*) aqui me tens de joelhos...

AUR. (*impaciente*) — O que faz, senhor ? Pôdem vê-lo...

LEOP. (*erguendo-se*) — Deixa-me dizer tudo, Aurelia ; preciso desabafar este tormento que me consome, apagar esta labareda que requeima-me o peito !... Para mim ha só uma ventura na terra : o teu amor ; uma só felicidade — possuir-te, compartilhar os teus martyrios e triumphos ; ser invejado d'essa multidão que te cerca em toda parte ; move-se para onde te diriges ; sorri quando teus labios desfolham esse sorriso que allucina ; ou chora e pensa, quando tu'alma soluça e tua fronte celestial desmaia de tristeza !

AUR. — E chama isso felicidade e amor ?!... Felicidade uma ruina ; amor um — capricho ?!... O que o senhor sente é a allucinação de um dia, que nasce n'um olhar de volupia e extingue-se para renascer n'outro olhar !... O que o senhor sente é o desejo que escalda os sentidos, impetuoso hoje, tornado indifferença amanhã !... E' a paixão que vem e passa sem deixar vestigios, que vem e morre sem deixar uma saudade, uma lembrança !... Essa felicidade — é a nuvem negra que enluta uma aurora ; esse amor — a espuma que se esfrola sobre um pégo !

LEOP. (*supplice*) — O não, mil vezes não, Aurelia !... Em

minh'alma tens um altar, um templo, onde a tua imagem santa recebe a cada instante as mais fêrvidas adorações!

AUR. — Basta, Sr. Leopoldo. . .

LEOP. — Porque não ha de ouvir. . .

AUR. — O que ouço todos os dias!?. . . (*Pausa*) E' inutil, senhor; eu nada aceito: nem o seu amor, nem os seus diamantes. Ha tanta moça pura e digna de seus affectos. . . . Quando tiver uma noiva. . .

LEOP. — Ah! comprehendo. Disserão-me que era uma amante irreprehensivel, e estou vendo que não me illudirão. O Sr. Alberto de Menezes pôde vangloriar-se de tão rara e peregrina ventura!

AUR. (*com dignidade*) — Eu sabia que o Sr. Leopoldo de Miranda representava a comedia do amor! Insulte, vitupere-me. . . Não é o primeiro que, depois de ajoelhar-se á meus pés, levanta-se inexoravel!. . . Que deve esperar uma pobre mulher como eu senão affrontas? Que pôde esperar uma actriz senão espinhos na mesma senda juncada de flôres?. . . Quando abracei a arte, sobracei uma cruz; quando subi o palco, eu sabia que tinha chegado ao meu Golgotha!

LEOP. (*à parte*) — Precipitei-me. . .

AUR. — Miseranda condição!. . . E' sempre assim: o homem erra e a sociedade absolve; tu, porém, ó martyr, mal vascillas no pendor da culpa, mão selvagem impelle-te ao abysmo da torpeza e sentes na face o latego da execração!

LEOP. — Perdão, perdão, Aurelia!. . . Desvairei, foi o amor mesmo. . .

AUR. — Deixe-me, senhor; peço-lhe que se retire.

LEOP. — Sahirei, sim; porém fique certa que me hei de vingar. (*Sahe*).

SCENA VIII

Aurelia e depois Helena

AUR. (*com a voz embargada pelos soluços*) — Ah! meu Deus, meu Deus!

HEL. — Esperei pelo desenlace da comedia. . . Choras? Forte tola. Mortificas-te por causa de um imbecil? N'esse andar, não te dou muitos annos de vida, minha cara.

AUR. - - Fôra melhor morrer de uma vez!. . .

HEL. — Eu tambem fui assim; porém as lagrimas seccarão e

revoltei-me. Faze como eu e te darás melhor... Coração á larga... Debica-os, filha; toma os meus conselhos. Fosse comigo e verias qual pena nem meia pena; arruinava-os todos sem dó nem piedade... E depois, que te importa a ti que digão que tens um amante, quando és livre? O teu mal é teres um só, minha rica.

AUR. — Nem um só, Helena, nem um!

HEL. — Isso agora, meu anjo, é que... um facto manifesto e notorio!

AUR. — Enganas-te; nem sabes o que ha de real entre mim e Alberto. Digo-te... por elle; não por mim, que nada mais me resta a perder. (*Pausa*) Queres saber, Helena, amo-o; sim, venero-o, porque é digno do meu amor, porque é digno de um culto... Ha sete annos, que o acaso, ou antes a Providencia fez-nos encontrar sob o mesmo tecto. Noite fatal!... Ah! meu pai, meu pobre pai!

HEL. — Compreendendo, fizeste mais ou menos o que eu fiz... E depois? Conta-me a historia.

AUR. — O homem que seduzio-me, apenas decorrido um anno, tornou-se brutal e feroz; sobreveio a sacedade, sobreveio após o abandono!... Só no mundo, só... nos braços o meu filhinho, que devia herdar a deshonra!...

HEL. — E afinal?

AUR. — Só... a miseria e a vergonha velavão o meu desespero. Chegando a noite, ouvi bater á porta. Um raio de esperança illuminou a noite de minha alma. Pensei que era Augusto que voltava arrependido... Corri pressurosa... Um vulto desconhecido entrou como uma fera sedenta e pouco depois eu relutava para desenvencilhar-me de seus braços. Era o capitalista, que vinha propor o primeiro lance ao movel atirado no mercado da infamia.

HEL. — Um capitulo da minha vida.

AUR. — Corações selvagens! Espreirão dia e noite a morada da orphandade e da indigencia, esquecendo-se que deixarão em casa esposa e filhas!... Villões! Descem de seus palacios ao tugurio do pobre para comprarem essa santidade, que perdida, não ha thesouros que possam resarcir!

HEL. — Conta-me, porém, o resto.

AUR. — Depois... baterão de novo á porta, um outro vulto assomou... Perdi então os sentidos. Quando tornei a mim, Alberto estava a meu lado como um anjo tutellar.

HEL. — Elle?

AUR. — Sim, elle, Helena, que sabia da minha existencia e seguia-a passo á passo. (*Alberto apparece ao fundo e ouve*) Desde então acostumei-me a vê-lo todos os dias; durante alguns mezes

vivi de suas esmolas, aceitava-as, porque geralmente negão o trabalho ao pobre para darem-n'o áquelles que menos necessitão. Depois abracei a arte; o infortunio fez-me actriz; só ao infortunio devo esses triumphos, comprados ao peso de lagrimas! (*Pausa*) Invejão-me, Helena, quando as multidões prorompem em applausos freneticos n'esses instantes, em que a minh'alma inspirada pelo soffrimento parece adivinhar os arcanos da arte! Invejão-me as flôres e diademas. . . e tudo isso o que vale, se entre mim e aquelle povo se levanta um tumulto, e sobre aquellas flôres e corôas surge tremenda a imagem de meu pai?! . . .

HEL. — Teu pai já perdoou-te.

AUR. — Já vês, Helena, que Alberto em minha casa não é senão um amigo e um protector. Quiz Deus, Deus que tem ouvido as minhas supplicas constantes, que uma creatura tambem infeliz, estivesse junto á mim n'esses momentos de suprema angustia e suprema resignação. (*pausa*) Queres saber, Helena? Amo-o com toda a minh'alma; mas só para ella que precisa sentir e silenciar tanto affecto! . . . E' uma ebulição latente, que abraça e devora! . . . (*Dolorosa*) Ter os labios cerrados, enquanto o coração trasborda de ternuras!

SCENA IX

Os mesmos e Alberto

ALB. (*arrebataado*) — O' obrigado, Aurelia; graças meu Deus! Ouvi tudo e aqui me tens á teus pés!

AUR. — Levante-se, por quem é, Sr. Alberto. . .

ALB. — O mundo está lá fóra e Deus abençôa o nosso amor! . . Tambem eu te consagrava um culto e só vivia d'elle! . . Bem haja o Senhor que permittio que eu ouvisse de teus labios a sublime confissão para que dos meus escutasses o verbo do amor, a religião que santifica as nossas almas! . . .

AUR. (*commovida*) — Cale-se, eu lhe supplico. . .

ALB. — Que importa o passado, se és pura como o incenso que se eleva ao throno do Senhor, e os nossos espiritos se fundem n'um só para glorifical-o?! Que importa o teu passado, Aurelia, se não maculaste a alma e o candor dos anjós é o teu diadema precioso?! O' falla, uma palavra. . . uma só. . .

AUR. (*dolorosamente*) — Entre nós ha o phantasma da vergonha!

FEITIÇO D'UNS BEIJUS

(ROMANCE)

III

PAIS E FILHOS

COM

ANDRÉ

Tuas duas cartas vierão trazer o doce recôrdo dos tempos que já lá vão.

Se a morte de meu pai não me houvesse arrancado ás delicias de Porto Alegre, hoje pudera contigo viajar pelo mundo do romantismo e das idealidades. Temos temperamento identico pelo fundo. O odio que votas ao algarismo é semelhante ao que já senti outr'ora em circumstancias analogas.

Infames theorias do numero, ainda hoje surgem á memoria como o ephialta de minha adolescencia.

O que ha de mais impertinente e medonho em toda a superficie da terra do que um zero? Quem pôde ter um vislumbre de sympathia por uma quantidade negativa? Acaso ha uma alma bastante rêsba para encontrar o principio esthetico, um traço sequer da belleza sob o ponto de vista da arte, n'um desenho geometrico salpicado do abecê em todas as direcções e sem symetria ao menos? Se o nada, a aridez, o esqueleto e o flagello são os eixos do mundo, as descubertas bramicas tem razão de existencia, sênão... eu amo mais as flôres no seio da natureza e não flaccidas e seccas nos laboratorios d'um hervanario.

A respeito das mathematicas eu sou um tanto ou demaziadamente mulsumano, creio na predestinação. Ha crancos fadados para absorvel-as, e quem sabe um sexto sentido não partilhado por todo o genero humano.

Acredito que é até questão climaterica. Quanto um paiz mais se apropinqua das regiões polares, tanto mais desenvolve o germen da morte nos individuos que o povoão. A rosa e o colibri, a oiticica e o cavallo não são oriundos das zonas glaciaes, que produzem o esquimão e o laponio, o rangifer, o arvezado lárice e o limoso lichen. E como o mundo moral reflecte em suas imperceptiveis nugas as exterioridades physicas, devo inferir que só uma monographia ou paisagem cuberta de gelos póde formar um caramello mathematico.

Deixemos, porém, a divagação.

Não ha sciencia mais incommoda ao coração, é certo; mas teu pai está cada vez mais afferrado a seus exdruxulos planos.

E' quasi impossivel convencil-o do contrario.

De tempos a tempos o oiço exclamar :

— Estou vendo o meu André entrar por aqui a dentro com uns ares de piloto que devem sentar n'elle como uma badana bordada n'um cochinho branco... Que alegria, Albino! Ter um filho como aquelle é mesmo para aborbar de satisfação a um pobre homem!

E depois, quando elle fôr medir a estancia?! Olhar por aquelles oculos de tres pernas e mandar fincar estacas?! Eu mesmo vou correr a corda.

Eu sempre estava a dizer cá comigo, que o rapaz nascera para aquillo. Se todos os pais adevinhassem, como eu, as inclinações dos filhos!...

No mez passado, chegando eu do Alegrete ralado de saudades da Candóca, deu-se uma outra scena á vista da qual poderás vêr se não ha perigo em entabolar conversação sobre o assumpto. Perigo para ambos.

Apeava-me. A Candóca com a costura no collo corria toda desfeita em jubilo a meu encontro. Zezé depunha o quatisinho, a quem por força quer ensinar coisas acima da comprehensão do pobre animal. Ella diz : Dentro d'um anno elle começa as primeiras lettras, agora, como o Dedéco, está nos preparatorios. Vê se admittes a paridade.

Como te ia dizendo, as duas, como quasi toda a casa até a miúçalha de moleques, ao signal de alarma, rodearão-me, choverão affectuosos apertos de mão, sorrisos, saudações e uma chusma de perguntas que me azoinarão. Tudo isto por me haver aumentado durante doze dias.

Só meu tio não apparecia ainda. Eis senão quando o vejo

destacar de sob a ramada do umbú e encompridar o passo em direcção a mim.

Veio a tempo, porque eu não sabia como responder a todos.

— Então como te foste longe da querencia? Fallaste com o primo Antonico sobre o negocio?

— Arranjou-se tudo, repliquei.

— Onde estão as cartas de André?

— Não escreveu, meu tio.

— Não escreveu? E' impossivel!

— Não, primo, intrometteu-se Zezé, o Dedéco não nos esquece nunca.

— Nem digo o contrario. Ou não escreveu ou as cartas levarão descaminho.

— Quem sabe o que houve?! Ponderou teu pai com a fronte annuviada por subita idéa que lhe assaltára. Se o rapaz encanzenou-se nos estudos e lá me anda pelas embiras!? Elle é capaz... sempre gostou de agachadas assim... Quando me lembro do puava do potranco Pimpão que nenhum domador quiz sujeital-o, e elle só conseguiu apertar a cincha!? Paral-o manso que nem um dogue!?

E dito isto com as feições consternadas sahio da roda e foi conversar a sós com seus sinistros presentimentos, no cupiar. Ahi encontrei-o immovel, com os braços cruzados sobre o peito e o olhar pasmo.

Quem o visse, diria que estava a contemplar a guasca que atava o muchacho ao cabeçalho do carro.

Não me vio chegar.

— Em que pensa, meu tio?

— Ah!... No André. Elle andava aqui sempre a rabiscar papeis. Talvez lá o sóstro de pôr o preto no branco lhe augmentasse, e temo não lhe vá acontecer algum desmancho, como ao filho do Juca Tiradeira.

— O filho do Tiradeira não foi por estudo, inda hoje póde repetir com os nossos antigos: Moço monarcha não se assigna, mas risca a marca. Não são os livros que fazem mal. E de mais André é robusto, goza saude, meu tio.

Reflecti assim para distrahir-o.

Foi inutil e não socegou emquanto não fez ir um proprio ao Alegrete para esperar a mala.

Já vês pela eterna ladainha que, ataca o em suas convicções, seria chamar sobre mim sua colera olympica.

Passemos porém do prosaico ao poetico.

Como vai tua incognita?

Está-me parecendo que é uma roceira gorda e bochechuda capaz de esfriar-te os vãos pindaricos. Uma Dulcinéa envolta em

pó de farinha como a amante de D. Quixote, encontrada pelo bom do Sancho, em Toboso.

Inclino-me a esta reflexão, por causa dos beijús. Cheira um pouco a atafona, e foi um meio bem corriqueiro de fazer-se conhecer, deves confessal-o; mórmente n'esses tempos em que vós, poetas, no requinte dos souhos e utopias nem querem vêr o ente amado nutrir-se de alfinins, tanto receião descobrir n'elle — a argilla humana.

No entretanto o mysterio tem seu sainête para as conformações cerebraes, como a tua. E' para esperar no desenlace uma scena tragica ou comica.

Seja o que for, termino, repetindo-te, como ella: — Crê e espera.

Candóca, a quem mostrei a carta, envia-te muitas saudades e pede com um sorriso malevolo que acabes com a pilotagem, se não resolveres o demoninho do *x* de teu coração.

Dei em Zezé os belicões e arrependi-me bastante, pois retribuiu-me com tantos, a dizer-me: Mande estes, agora mais estes, ao meu querido Dedéco!

Meu tio, . . . crê que és uma cabeça rigorosamente talhada para o embutimento de algarismos, o disse.

Teu *Albino*.

MEU CARO.

Estou entusiasmado a pregar um sermão sobre as virtudes theologaes.

Hoje não fui a aula. Fazia um frio diabolico. O Reaumur marcava 3° acima de zero. Por consequencia ergui-me da consoladora cama ao meio dia. E' uma madrugada de lagarto como dizem os patricios lá nos pagos; mas que gósto de pôr em pratica nas cidades.

Envolvei-me bem no chambre e vim tomar uma preciosa chicara de chocolate preparado pelo José. E' a unica boa qualidade que possui o maleante do crioulo. Affianço que tem mais aptidão para a culinaria do que o senhor para a engenharia.

Depois fui para a sala e abri os batentes das janellas até essa hora tranquillamente cerradas. O' alegria suprema! entusiasmo digno dos prophetas! Doce prazer de metter inveja a tódo o Olympo!

Entre um batente e a vidraça encontrei um perfumoso envelope, contendo uma carta em papel velino.

Eil-a, meu Albino, eil-a :

ANDRÉ.

Em que pensas? Queres que eu adivinhe? Ouve...

Vou escrever todas as tuas interrogações e dar-lhes as respostas.

Será bella? disseste.

Sou, André, porque amo-te e sinto n'alma alguma coisa de divino por ti.

Será moça? disseste.

Sou, porque só a mocidade podia esperar de ti o que ella pôde dar.

Será da cidade? disseste confuzo pelo cartuxo de beijús.

Sou, André, sou, te juro.

Onde a encontrarei? Ainda perguntas, excitado pela curiosidade, não guiado pelo sentimento.

Crê e espera, respondo mais uma vez.

Mas és capaz de amar-me? Duvido, André. Conheço tua vida e ouzaria afirmar que, em todas as tuas conquistas das salas, em todas as trocas de protestos, que tens feito, nenhum só momento o coração tomou parte; erão frivolas etiquetas, a que correspondias por passatempo. O labio mentia...

Nem podia ser d'outro modo. Não é dentro d'um salão, alcatifado de flores já murchas, inundado de luz dos lustres e arandelas, povoado de toda a classe de pessoas, e quasi sempre extranhas umas ás outras, que a flôr das affeições puras e santas pôde abrir.

O amor quer a natureza illuminada do sol, ao bafejo das brisas do céo, ao perfume das flôres silvestres, e além de tudo — a solidão.

Por isso temo agora, como temi a primeira vez que te escrevi, temo que não tenha commettido uma loucura, aberto um abysmo á minha felicidade, entregando-te meu coração.

Escreve-me, André; no isolamento de minha vida tuas cartas serão um doce consolo e um balsamo suave ás incertezas. Quero beijar as lettras que tua mão tiver traçado, quero decorar cada uma de tuas phrases. E' ainda uma maneira, a que me resta, de estar contigo, de contemplar-te.

Se soubesses, como te amo, André!... O' não o saibas nunca, porque não poderias corresponder a tanto affecto, a tanto sentimento... Deus é o unico confidente que tenho, entrego-lhe meu destino...

.....
Escreve-me. Põe as cartas n'um dos vasos da praça da Inde-

pendencia, no que fica fronteiro á Azenha. Seja de noite e nas quinta-feiras. Em horas tardias irão buscal-as.

Não tentes penetrar além no mysterio de nossas relações. Se a anciedade curiosa não contiver teus passos, nada conseguirás, e, como n'esses contos de fadas onde uma pequena circumstancia não observada destróe a illusão, terás tambem desfeito o encanto que nos prendia.

Adeus. Ama-me.

Tua *F.*

Estou louco pela *F.* E' moça, bella e da cidade. Sou feliz e desespero ante o anonymo.

Adeus, para sempre, mathematicas, amo e vos repillo.

Que importa meu pai queira cevar sua furia positiva sobre mim?! Possúo oitenta contos, herança materna, posso fazer poesias á vontade.

Hei de por fas ou por nefas encontrar a *F.* e caso, máo grado de meu pai e Ottoni.

Não me farás, Albino, coincidir o *F.* intraduzivel com algum mimoso nome de mulher, harmonia que arranque o coração á animalidade da terra?

Este *F.* encommodou-me devéras. Parece um valor indeterminado, um x, y e z das equações. O laço de afinidade que ha entre elle e as inimigas de meu socego, irrita-me e faz-me ter máos pensamentos contra a minha querida incognita.

Imaginei um processo que deu em solução negativa ao principio.

Fiz uma lista de todos os nomes possiveis de mulheres, cuja inicial fosse um *F.*, puz cada um n'um papelinho, como uzão nas festas tradicionaes de Junho. Erão quarenta e dois bilhetes. Encerrei-os n'um cópo e disse comigo: A sorte protectora dos amantes vai soletrar o nome esmerilhado em vão pelos meus recursos intellectuaes.

Fechei os olhos, e tremulo de emoção estendi o braço para a urna de meu fadario. Tiro um dos bilhetes sybillinos. Estreme-ci, e o sangue affluindo ao coração aos tufos, tornára difficil a systole. Então se me antollhava que minha vida dependia de tão tenue fio. Desenrolei a pagina prophetica.

La lél-a. A fronte ardia-me, e no entretanto derramava suores frios como o tecto d'una gruta de estalalite, como as paredes de uma masmorra! Tal era sobre mim o effeito da imaginação n'aquelle momento! Cahir fulminado por uma congestão não seria admiravel, nem poria a arte de Hypocrates em serios embaraços para motival-o.

Li afinal e soltei um grito de colera:

— É' impossivel !

Fredegunda — estava escripto !

— Ouvi uma gargalhada infernal, como echo á detonação de minha angustia.

Parecia o sarcasmo de uma chusma de demonios.

Era José.

Espreitando-me e vendo a preocupação que me absorvia e os momos extravagantes que machinalmente eu desenhava em estorço, não pudera conter-se.

Fui ao moleque impellido como uma bala, e apascentei minha bilis em suas orelhas; quasi as arranquei, o confesso hoje arrependido.

Fredegunda !? Será possivel, Albino ?

Haverá uma mulher bella, moça e demais com um coração que é uma joia de Deus, e traga um nome tão prosaico, recordando um monstro da historia ? um alluvião de atrocidades ?

Então reflecti e vi com bastante alegria, que Fredegunda não devia estar entre almas puras e santas; era um contrasenso, um erro desculpavel apenas pelos paroxismos da febre em que me achava.

Portanto conclui que o primeiro trabalho ficava nullo, em vista de tão boas razões allegadas. E tornei a indagar o oraculo de meu copo.

Fui feliz. Sorri e no meu transporte beijei a cédula, como beijára a petala da magnolia, onde minha amada com a ponta d'um alfinete tivesse gravado seu nome.

Flora, sahio.

— Sim, deve ser Flora, o mytho mimoso do antropomorphismo grego, da patria de Homero, onde o culto da fórma erguia altares em Crotona, despenhava os aleijões em Sparta e absolvía Phrinea em Athenas. Sim, deve sê-lo. Seja a mysteriosa creação que desterrou a paz de minha alma para sempre a divindade antiga, eu serei o zephyro que ha de acarinhá-la na face rosada com o trepidar das azas transparentes...

Flora, eu te amo ! Com que suprema alegria não pronuncio teu nome !

.....

Não rias, Albino. Assemelha-se a um brinquedo de crianças, um acto de insania em minha idade, não é? Que queres ? O amor é o incomprehensivel !... O sublime e o ridiculo em estreita alliança, o consorcio do grave e frivolo ! Nem me perguntes, por que o fiz. Se o fiz, é que meu coração n'aquelle momento tinha necessidade de fazel-o.

Quem pergunta á planta porque floresce, ao passarô porque vôa?

Eis a razão que posso dar.

Para mim, querer perscrutar os arcanos da paixão n'alma humana é o mesmo que procurar a perola cahida n'um peráô, é pôr um limite á dizima periodica, além do classico *etc.*

Teu *André.*

IV

NON PIRUM RECIPIIT QUERCUS

MEU ANDRÉ.

Recebe um apertado abraço, antes de tudo.

Então já vais indo muito adiantado em teus estudos? Inda não acabaste com estes refugadores de preparatorios? E' grande o trecho?

Com os diabos! Se velhaqueião tanto, estou vendo que não vens feito piloto. Atira-lhes uns bons rebençaços e para diante. André! Está-me parecendo que não és meu filho, aquelle que domou o Pimpão!

Não me vás tambem abochornar com algum arranco de sope-tão. Nem muito, nem nada. No tranquito vai-se longe, e não abomba o pingo. Estuda, porém, sem demazias.

Escuta uns conselhos que são bons a seguir, meu filho.

Estás me gastando muito por ahi. Cento e quarenta mil réis por mez vão adelgaçando meus haveres. . .

O compadre Manduca anda-me sempre á colla, gritando:

— Seu filho é um sorvedouro, compadre. N'esse andar leva-lhe a estancia de rodadas. E será bem bom que não venha como o do Tiradcira. . .

— O caso não é tão feio. . .

— Não; não é! Dinheiro nas mãos de André é uma pelota na correnteza, lá se vai aguas abaixo.

Calo-me e digo cá comigo:

— Anda lá, tu não tens filho nos estudos, e estás a rebentar de ciumes!

Gasta, rapaz, gasta, com tanto que venhas um piloto de mão cheia para caçoarmos com o compadre. Havemos de corcoveiar de riso.

Digo-te no mais que não te mettas de queixo com muchachas que são como carrapato na rez. Chupão as diabinhas a dar peste n'um pobre homem. Outro sim não vivas a repenicar as chilenas pelas salas; porque não se tira nunca bons resultados. Para amores sobraão tempos e então estãs mesmo uma criança!

Vem piloto e verás que dia de festa! Brodio por casa; mato sete novilhas, bons vinhos, devasto o gallinheiro desde os perús até a minha criação de nambús, boto o parrelheiro sem reservar tiro nem parada.

Heup! Põe a galope essa pilotagem, cerra-lhe espora na paleta e has de vêr como vais encher-me.

Depois até com minha influencia empurro-te a deputado.

Apressa o negocio... Se te tornas caborteiro, eh! barbaridade!... não desespero só, morro de paixão.

Não repares, são más idéas que ás vezes me fazem malucar. Todos os pais devem ser assim, meu filho.

Adeus, André.

Teu pai que muito te estima

Francisco Dias de Fogaça.

Forte mania!

Não ha duvida, quer matar-me! e arrojou a carta que acabava de receber para longe.

Era André em seu gabinete de trabalho.

Tinha razão.

No momento em que lh'a troucerão, terminava a segunda poesia, depois de duas horas. Uma intitulada: *Akorada de amor* e a outra: *Cré e espera*.

Ora um poeta nos intermundios azues da phantazia, librado n'um vôo em que perde de vista o mundo cheio de miserias, agiotagem e mercantilismo; respirando em atmosphaera rescendente de amor; deve forçosamente sentir calafrios ao lêr uma carta tão material, como a do Sr. Fogaça.

E' desgraçadamente o fadario dos talentos artisticos entre nós. Taes e quejandas rajadas acabão frequentemente por quebrar as azas diamantinas das vocações sinceras.

Malaventurados poetas!

Não basta o abutre que trazem desde o berço a lhes roer a viscera! De necessidade se torna que a familia e o mundo, não os comprehendendo, venhão roubar o remanso a sua recamara, as voluptias infinitas da solidão e as poucas horas dadas ás musas!

Gladiadores do bello, porque Deus vos ha de povoar o peito com vizões celestes, quando o pó vos rodeia, como uma nuvem de

toxicos lethaes? Porque haveis de ter uma alma. harpa sublime da crença, quando a terra não sente?

O' zoologia, sciencia das sciencias, porque collocaste o homem na classe suprema do reino animal!?

Porque dêste a realeza ao unico ente que, com consciencia, assassina, rouba, calumnia e mente no seio da creação? Que desconhece a todo o indigitado de Deus, seu semelhante, insulta-o, esbofetea-o, persegue-o, e, depois de apedrejal-o, crucifica-o?

O genio ou o ente dotado de longa intuição racional e de immensa e delicada sensibilidade, não é o omnivoro dos Cuviers, é o indigete que derrama a luz de sua aureola sobre milhares de creaturas que apenas se lhe assemelham na fôrma. E' o Christo no auge do martyrio a exclamar com os olhos cravados no céu: « Perdoai-lhes, Senhor, não sabem o que fazem. »

André não estará em taes condições; mas amava, portanto era poeta.

Vejam os versos que elle escrevera e estabelecão a apreciação que lhes aprouver. A nós compete a fidelidade da historia, a vós, leitor ou leitora, o juizo.

ALVORADA DE AMOR

Salve, aurora d'um sonho, humente lirio
A espancjar-se em raios de pureza!
Salve, doce arrebol, quando no seio
Latente corda vibra a natureza!

A vida em duros élos

Não geme já captiva, a morte arrostra,
Que a teu sorriso candido se prostra,
Anjo, mimosa irmã de meus anhelos.

Era minha alma um cahos... e dentro a morte

— A crença estremeçada a golpes fundos!

E tu vieste ahí... A luz foi feita,

E á luz surgirão infinitos mundos!

De joelhos, minha alma,

Em cantos fervorosos agradece:

Ao Deus que te sublima, eleva a prece,

Como o coqueiro aos céos a verde palma...

E como sou feliz! Amei e canto!

Ardores minha fronte reverbera,

Porque dentro de mim, no ser mesquinho,

Corre a seiva de eterna primavera,

Porque na terra tudo

Em inefláveis jubilos palpita...

O que era morto, em turbilhões se agita!

Harmonias harpeja, o que era mudo!

CRÊ E ESPERA

Quando meu seio pulsa a ardente chamma
D'amor immenso como o céu infindo;
Quando busco nas névoas d'um mysterio
Tua imagem gentil, teu rosto lindo;

Para que vens, querida, torturar-me,
Dizendo sem piedade: Crê e espera! ?
Crê e espera! O futuro além, tão vago,
Quando estamos na flôr da primavera! ?

Eu creio, creio muito, minha bella,
N'um Deus que te creou, um Deus superno,
Em ti, que te amo tanto, flôr da vida,
Em mim, que nutro agora amor eterno.

Acaso na ventura mais desejas
Que essas crenças sublimes nos fulgores?
O que aspiras, mulher, que não comprehendes
Que o tempo vai fugindo dos amores?

Esperança! ? Agonia atroz do naufrago
Nas solidões marinhas, junto á morte!
— Espera — não me digas, tenho febre,
E a febre torna fraco o mesmo forte.

O crepusculo desbotado d'uma tarde de inverno, vacillante ás lufadas doidas do minuano, doirava uma vidraça e ia cahir sobre o moço pensativo junto á mesa.

André era bello.

Seu talhe elevado e elegante não eclipsava de todo o desenvolvimento muscular do homem, cujo pulmão bebeu dos ares puros da campanha.

Seu busto, dir-se-hia, cortado em marmore, com mestria. Emmoldurado por anneis de cabellos negros, pallido hoje ás vigílias da cidade em bailes, serenatas, estudos e amores lesbianos, alentava uma fronte magestosa e proeminente; uns olhos pretos ordinariamente languidos, porém vividos e chammejantes, se a colera os incendia; uma bocca, onde o sorriso pouzava constantemente, embora quasi sempre fosse a traducção da ironia ou do sarcasmo, que frechava de sob o bigode espesso, unica parte da barba que usava.

Seu moral era inclinado á melancolia, ainda que ás vezes se entregasse a louca jovialidade. Durante um anno tres mezes pertencião á alegria, os outros á tristeza.

Talvez se admirem da incoherencia notavel de suas cartas com a feição caracteristica de seu temperamento. Não ha que admirar.

O genio da satyra e do epigramma nasce d'uma natureza essencialmente tragica, como o corisco do bojo da tempestade.

V

NOITE SEM SONNO

Era uma quinta-feira.

André, apenas ennoiteceu, tomou os versos e juntamente com uma carta fechou-os n'um enveloppe.

Depois accendeu a lampada de kerosene e apoderou-se das *Meditações* de Lamartine.

L'isolement o deteve em extase.

Quando encontrou o verso tão justamente celebrado :

Un seul être nous manque et tout est depeuplé

fechou o livro.

— Eis a verdade que me esmaga ! E diz aquella mulher que me ama ! Burla ! . . . Meu Deus ! proseguio depois de breve pausa, se isto é uma chimera, um sonho ! Se ha um plano de martyrisar-me ! . . . Não, não é crível. E' a primeira vez que amo e será a ultima, o juro.

E este *juró* foi de uma prolação sinistra como o de Molière, expirando.

— Hoje, continuou elle após momentos, devo saber tudo. E' necessario. Eu amo, mas nunca admittirei que minha dignidade sirva de ludibrio . . . Porém, que interesse terá uma moça em confessar o que póde prejudical-a ?

Será com effeito uma mulher ?

E parou como paralyzado pelo novo pensamento que agora lhe occorria.

— Se houvesse um só homem capaz de offender-me assim ! . . .

Ergueu-se e foi buscar um revolver dentro d'uma gaveta.

— Hoje o saberei. Eu sou louco ! Para que attribular-me sem motivos ? E como poderia amar, sem realmente existir em ente a quem votasse minha ternura ? Não, eu creio n'ella, como creio em Deus. Ha não sei que fluido magnetico que infiltrou-me o coração e faz comprehender-me o tedio e taciturnidade de meu isolamento.

O que sinto, só uma mulher, joven e linda, póde inspiral-o. Quem é ella, todavia ? O' duvida cruel a dilacerar-me a alma !

O silencio assim atrophia e mata! Neçessito de ruído e poções alcoólicas.

E, envolvendo-se bem no sobretudo alvadio, enfiou pela rua com passo acelerado. No primeiro café que deparou, fez entrada. Empunhou um tacho e um copo!

Bebeu cognac com soffreguidão. Tinha sede.

Depois foi um phrenetico embater de carambolas. O bilhar gemia e seus gemidos repercutião no coração de todos.

— Bravo! repetião admirados.

— Good god! What do I see?! régougava um inglez abandonando a mesa, onde debandava dois frascos de Altona.

— Estás possesso, André?

— E' a alma do cognac que alenta teu braço?

— Strange! Strange!

— O minuano concedeu-te as suas rajadas?

— Estás apaixonado?

— Tens a febre do jogo?

— Peior! Peior! respondia elle, tenho o inferno dentro de mim.

E jogava sempre e ganhava!

Afinal ninguem ouzou mais aceital-o por competidor.

— Jogarei sosinho, tornou.

E ganhou ainda.

Foi uma embriaguez, um delirio, um desespero!

Mcia noite soou no relógio da sala.

— Seu braço estacou n'uma derradeira carambola. O tacho descansou com saudade, de quem acabava de sopezal-o, sem rivaes.

Crêr-se-hia que o bronco e rude instrumento admirava André até o ponto de, para não servir a outrem depois de tão grande victoria, ter-se suicidado. Estava de facto, inservivel, esfarpado, em mil hastilhas.

André cumprimentou seus admiradores e sahio, deixando-os ainda mais confusos pela hora da retirada.

— Midnight! observou o filho de Albion com os olhos fitos no mostrador do relógio, e resmoneou entre dentes o verso de Milton:

Hail, horrors! Hail, infernal world!

Para aplacar a apprehensão, empinou mais um copo de genebra.

Não crão supersticiosos em massa, comtudo sentirão correr uns arrepios atravez do corpo.

Ha phenomenos inexplicaveis na natureza humana que a physiologia tentaria explicar inutilmente!

Despidos de velhos prejuzos que a razão convellio no correr

dos annos, quantas vezes, como no caso presente, não sentimos, máo grado nosso, certo confrangimento indizível e vago, e os cabellos erriçarem?

Serão effeitos d'uma imaginativa ardente? Reminiscencias instinctivas dos terrores que nos infundirão na infancia?

Em alguns póde sel-o; em outros, onde ha a prevenção luminosa, a realeza do raciocinio sobre os oucos phantasmas d'uma mente encandecida ou sobre os erros d'uma educação supersticiosa, desapparecem semelhantes causas.

Quem n'um lugar solitario, em horas mortas, embevecido em assumptos inteiramente extranhos ao mundo, não tem sido arrancado a seus pensamentos, ao ruger-ruger de roupas roçagantes, a um pizo leve, ao echo de plangente gemido, e mesmo a uma ou outra palavra que quebra o silencio em torno? E ás vezes a um tumulto horrível, não sendo possivel motival-os, ainda que esmerilhe com precaução?

O phenomeno moral existe, como a electricidade no mundo physico; porém, quem os conhece em si? Qual influxo imponderavel dirigia os movimentos de André n'aquella noite? Porque elle mediocre jogador, não encontrava um só adversario em tantos tacos provecctos, temidos e admirados?

Outros inventem bellas theorias, accumulem hypotheses sobre hypotheses, nós, pobres garatujadores das letras, vamos acompanhar a personagem de nossa historia.

Sahindo, André, foi á praça da Independencia a marche-marche phrenetico. Escolheu o vaso mais fronteiro á Azenha e depôz a carta. Hoje talvez não exista o silencioso depositario, e se existe, ha de ser esborcinado ou victima de quantos ultrajes grosseiros a malicia e o desleixo podem inventar ou produzir: depois que os edis brazileiros entenderão acabar com os documentos tradicionaes das ruas e praças para sua militarisação, não ha como vêr policia municipal.

Deixemol-os em seus planos profundos!.....

Era uma noite merencoria e afflictiva!

Ouvião-se só os balidos intermittenes do minuano que a espaços sacudia as azas, o respiro offegante das folhagens no seio da natureza estremecida, o grito estridulo do quero-quero vigilando na varzea e os sacramentaes e classicos alertas das sentinellas!

As estrellas instillavão funebres clarões nutantes, como tocheiras que bruxoleião junto a um morto! Fazia um frio! De vez em quando tenue filamento de neve desenrolava-se, branco como os capulhos de algodão!

Sois medonhas, noitadas do sul, incutindo mil terrores ao peito do mais audaz campeiro, ourejando-lhe a fronte em sonhares vertiginosos ! Sois nas crendices do povo cheias de boitatás e caipóras flammejantes, de urutãos que soltão o brado d'entre a copada mata e arrancão do armentio a berraçada angustiosa do susto ! E se alguma coisa amenisa o quadro, é a mimosa visão do crioulinho do pastoreio errando na orela dos banhados, sangas e arroios !

A terra adormecida surge então da treva, semelhando a um enorme mauzoléo ! Ha nella como um mysterioso recolhimento, a reconcentração da vida na gelida quadra, o espasmo dos sentidos na estação de morte ! Crêr-se-hia que subita lethargia adormenta o mundo, lethargia que relembra um doloroso trespasse !

Sómente André, amoroso, sentia velemente o latejar do coração, indifferente ao rigor do tempo ! Elle sómente não via tudo em torno convulsar !

Amava. E quem ama, deifica-se, vive fóra da influencia atmospherica, e das circumstancias que atão o homem ao poste de sua miseravel contingencia.

André, deposta a carta, cozeu-se ao tronco de um dos cinamos que adornão a praça. Ahi podia vêr, sem ser visto.

Seu peito entumescia na anciedade e esperanza, a fronte ardia-lhe, apezar da rajada penetrante que a pequenos intervallos adobava-lhe furiosamente os caracões do cabello ; o olhar fixo em fulgida irradiação magnetisava a pilastra.

Esperou assim talvez um quarto de hora.

Afinal julgou lobrigar um vulto, que, vindó da varzea, escallava a grade sobreposta ao muro ; mas não distinguindo bem, porquanto fazia escuro e os proprios lampeões da praça tinhão sido apagados ao rijo soprar da ventania, correu ao vaso para surprehender o fiel emissario. Qual não foi sua admiração ? A carta havia desaparecido ! Não banzou com o mallogro. Saltou a balaustrada com risco de magoar-se e arremessou o olhar aavez da escuridão da noite, em todas as direcções, procurando a mão habil que conseguira enganar sua vigilancia. Em vão !

A colera, como esta que Homero descreveu em seus heróes e animou até o rio Scamandro, abriu as azas em seu peito robusto.

Indignado vagueou pelo campo sem destino e sem saber mesmo o que fazia. Depois de algum tempo authomaticamente retrocedeu e entrou em casa, sem recordar-se que a manhã não tardaria a purpurcar os horisontes.

Estava doente, André.

A allucinação é uma especie de leito de Procusto ; amplia a largas proporções o que é argueiro e torna um atomo o que é gigantesco e grande ; craveira exigente a transformar o mundo

real, trocando-o por um mundo de visões; crise dolorosa em que a razão submerge na onda espumante do imaginar! E o imaginar é desenfreado, effervescente, convulsivo; é como a pororoca e o pampeiro.

André, natureza athletica, tinha paixões athleticas:

Amava pela primeira vez e amava com todas as forças d'alma, e seu amor augmentava de momento a momento, porque encontrava obstaculos insuperaveis, arcanos fundos.

Se de Stendhal tivesse previsto este caso, teria de certo estabelecido a duvida na *cristalisação*. —

Continúa.

IRIÊMA.

PHANTASIA

À APELLES PORTO ALEGRE

Desculpa, cantor mimoso dos tormentos de *Tancredo* — o sonhador — se ousou atirar meus passos tímidos na vereda que, com glórias encetaste; move-me o coração e tu também n'elle te inspiraste.

Tua alma de poeta deixou-se levar nas azas da phantasia, até áquelle typo tão cándido, tão puro da morena idolatrada; a minha também sentio-se tocada d'esse impulso vigoroso e ergueu-se no infinito do pensamento até uma criação ideada.

Deixemol-a librar-se n'esses páramos immensos, deixemol-a enlevar-se n'essas sublimidades, que a cada passo lhe surgirão pela frente.

Não vês a borboleta esvoaçando livremente d'uma para outra flôr, de todas libando o doce mel e assim continuando até morrer?

Não vês a lympha ciciar por entre as folhagens da floresta, espriar-se depois no vargedo immenso e depois... confundir-se no pelago do oceano?

Não ouves a brisa á murmurar aos ouvidos das flôres os mais ternos segredos de amor, á tirar d'entre as folhas das arvores sons maviosos e delirantes, e depois... perder-se também na immensidade do espaço?

A mocidade é assim. Sentindo em si o coração a palpitar de entusiasmo, ella enlewa-se nas azas da phantasia por toda esta sublimidade que nos cerca, procura encontrar n'ella a realisação de um sonho divino, extasia-se diante das maravilhas da natureza, e continúa n'esse doce afan, até mais tarde perder-se no meio da realidade dura e positiva, que o correr dos annos traz, como consequencia.

Desculpa me, pois, meu amigo, e deixa-me também, como tu, gozar d'essa ventura tão peregrina, tão passageira, como a borboleta ao pousar nas flôres, como a lympha ao caracolar na relva, como a brisa ao perpassar no espaço.

Deixa-me gozar emquanto a vida se mostra risonha, emquanto o fogo que me anima, não se extingue, emquanto a natureza tem encantos, e tudo quanto de deslumbrante me cerca, parece ainda como um sonho, como uma visão, creada de proposito para me suavisar a existencia.

Vai, pois, oh! phantasia, magico ideal da imaginação, ergue o teu vôo, atira-te ás alturas incommensuraveis, exulta diante do sublime, que encontrares em teu caminho, expande-te livremente na immensidade do espaço, doidejando e esvoaçando aqui e ali, onde mais encantos te prenderem; vai, emquanto é tempo, que a romagem é curta, e não tardará muito a epôcha, em que eu saudoso invocarei do santuario de meu passado a tua lembrança grata, para consolação do presente, e talvez, quem sabe? animação para o futuro.

Hoje eu te digo: « vai, expande-te n'esse mundo infinito, » amanhã talvez eu te diga: « vem, consola-me este coração torturado pelo soffrimento com as divagações poeticas e os devaneios imaginativos d'esse tempo, que já lá vai.

Para o futuro reservo-te uma missão de paz, missão consoladora; para o presente, porém, comprehendes, é insufficiente essa missão, não quero que me venhas consolar agora, quero, sim que me venhas dar motivos para consolações futuras, quero que comprehendas o entusiasmo que palpita n'este coração de vinte annos, quero que saibas corresponder á esse entusiasmo... quero enfim, que me apresentes diante dos olhos uma d'essas visões angelicas, d'essas sylphides donairosas, á quem eu possa todo inteiro entregar-me nas aspirações de uma paixão vehemente. E' este o meu desejo; quero prelibar de uns labios puros as doçuras mais vivificantes que possam imaginar, quero encontrar um coração que comprehenda o meu, e a quem este possa também comprehender.

.....
Oh! obrigado, mil vezes obrigado, minha amiga, pela interpretação fiel, que soubeste dar ao meu pensamento, ah! obrigado, pela angelica apparição, que me deixaste entrever como n'um sonho.

Que belleza, meu Deus, que de encantos n'aquella encarnação viva de minhas aspirações?! Orna-lhe a fronte, circumdando de ouro aquelle rosto bello e mimoso, uma nuvem de cabellos louros, onde se occultão, sabe Deus, quantos mysterios de mystica revelação.

Em seus olhos ternos e meigos, que retratão o azul do firmamento, parece também resplandecer o brilho da candura em ondas de innocencia.

E seus labios, onde transparece á doce contracção d'um sorriso meigo, um relevo tão delicado de perolas... oh! estes não se abrem de certo, senão para dar passagem ás gottas destinadas á consolação e conforto d'um coração apaixonado.

Salve oh! fada mimosa, salve oh! archanjo celeste, que com a espessura de teus cabellos, com o brilho de teu olhar, com a meiguice de teu sorriso, soubeste infiltrar na alma até aqui tão erma de sensações gratas, do pobre sonhador, esses effluvios ternos e suaves de uma inspiração divina.

Mas, que vejo? Tu queres de novo partir, phantasia? Oh! não; deixa-me ainda em meus arroubos parar na contemplação extatica d'aquelle typo magestoso, deixa-me ainda por alguns instantes beber de seus olhos a luz, a inspiração para comprehender a natureza, e para approximar-me mais do Creator. Deixa-me ouvir sua voz, respirar o ambiente que a circumda, inspirar-me em seus anceios, emfim compartilhar de seus infortunios, e enlevar-me com suas alegrias.

Mas, parte; tu tens razão; pobre louco que eu sou; a cruel realidade ali está á teu lado, de semblante carregado, estorcendo-se toda, ao ouvir as tuas divagações; tu não podes supportar aquelle olhar torvo e feroz, aquella catadura horrivel, és por demais candida e meiga, as tuas roupagens são tão diaphanas, cerca-te uma aureola tão limpida e transparente, que o contacto d'aquella massa informe póde enlodar-te; foge, pois, eleva-te de novo ás regiões do infinito, mas tenhas por alvo só aquelle typo seductor, engolpha-te nas combinações as mais arrojadas, preliba todas os doçuras, que te possão offerecer aquelles labios tão puros, aquelle sorrir tão meigo, aquelle olhar tão terno, aquelle coração todo sentimento.

Até aqui, tinhas o espaço infinito por campo de tuas divagações; pairavas incerta aqui ou acolá, diante d'esta ou d'aquella maravilha que te encantava; hoje não, encontraste o teu ideal, um typo, onde podes encarnar todos os teus sonhos, todas as tuas aspirações poeticas; libra-te, pois, acima de tudo quanto é mundano, e serve-te agora d'esse espaço tão immenso, para n'elle conceberes a ventura multiforme, que aquella apparição angelica te fez entrever entre as nuvens pesadas de minha existencia.

Vai, e de quando em quando suspende a tua derrota, para me transmittires ao espirito esses anceios febris, esses enlevos frementes, que tanto e tanto alentão as flôres de minha alma.

C. KRAEMER.

Porto Alegre, Agosto de 1873.

D U V I D A

Insondavel mysterio da natura,
Contraditorio ser da humanidade,
Prodigio de virtudes e de crimes,

Dize : que és tu, oh homem ? ! . . .

No dedalo de oppostos sentimentos,
Das paixões nesse embate enfurecido,
Em que toda evapora a curta vida,
Não terá por ventura um só momento,
Ao profundo e secreto de sua alma,
O homem lançado esta fatal pergunta ?

Crê-se grande e senhor da natureza !
Dos elementos a indomavel furia
Tenta as iras quebrar a um leve aceno ;
E quebra . . . e vence, mas depois succumbe
Nas mesmas furias que domou possante !
Dos sidereos incognitos segredos
Após longo estudar encontra a origem ;
E medindo a extensão, a luz, o curso
Dos corpos luminosos que recamão
O sem limite da azulada cupola,
Rouba do immensuravel o attributo
E rasga do porvir a densa nevoa,
Ao mundo attonito ensinando o instante
Em que succedem d'um planeta as phases .
A' força omnipotente de seu braço
Dois mares unem-se arrazando um isthmo,
E pávida a montanha o seio abre
Para n'elle escutar o silvo agudo
Do poderoso agente do progresso !
Se o vôo solta de arrojado invento,
Abraça os longes a galgar distancias,
Quer sobre a terra nos firmados trilhos,
Quer sobre a immensa solidão dos mares !
Contemplando este quadro de prodigios,
Vendo que tudo á sua voz se curva,
Elle se julga deste immenso todo,
Chamado criação, parte perfeita !
Abrindo os diques á torrente infrene
Que da mente abrasada aos labios corre,
Exclama : — Aquelle que extrahio do chaos
A basta multidão de sóes e esphas
A' minha imagem deve ser formado ! —
Depois, aparta a deslumbrada vista
De tanta maravilha e busca n'outras
A idéa confirmar da sua essencia.
— Serei acaso, (elle á razão consulta :)
Um ser apenas animado em vida ?
Junto á materia não palpita um sopro,
Impalpavel porção de luz divina
Que sobre tudo o que vegeta e vive
Me leva sobranceiro e após a morte
Ao seio volve do Creador de tudo ? . . .
Não manão dessa luz estes thesouros

Que em mim habitão sem lhes vêr a origem?...
No berço, quando os labios balbucião,
Mal distinctas as phrases da innocencia
Quem vai ao coração lançar os germens
Do amor materno, d'este amor profundo?
Mais tarde, quando a mente então se inclina,
Em magos devaneios, aureos sonhos,
Que cereão de esplendor a doce imagem
D'um phantastico ser por mim creado,
Quem me desperta aspirações tão ternas?
Quando ao triste indigente a mão estendo,
E ao rosto da afflicção enxugo o pranto,
Quem vai ao coração levar o jubilo,
Esse intimo prazer que n'elle sinto?...
Se tudo quanto é bom, suave e meigo,
Eu adoro, bemdigo, amo e venero,
Se levanto á virtude mil altares
Em quanto odeio de execraveis vicios,
Funesta embriaguez, lethal deleite,
Devo um momento presistir na duvida?...
Eu vivo, penso, gózo, sinto e soffro,
E n'estes tão oppostos sentimentos,
Eu tenho um coração que m'os distingue,
Que na amargura o pranto aos olhos manda,
E os labios no prazer abre em sorrisos!...
Gloria pois ao autor da maravilha!
Quem senão tu, oh Deus todo grandeza
Podia d'um só jacto obrar prodigios?...
Eu sou do teu poder sublime prova!
Eu sou em teu louvor hymno constante!
E é teu altar a natureza inteira!
Esta harmonia que espalhaste n'ella,
Estes abysmos de belleza infinda,
Que em qualquer parte do universo encontro...
Oh! tudo para mim creou teu genio!
O que era de teu braço esta feitura,
Antes de teres fecundado o barro?
Não seria dezerto arido e triste,
Horriavel solidão, bronco silencio
Aquillo mesmo que fizeste bello?...
O bramir dos trovões, a voz das auras,
Os segredos do mar, da lymphá a endexa,
Tudo o que é bello, grande, magestoso,
Pela face da terra passaria,
Só tendo testemunhas impassiveis
Dentro em seus antros as sanhudas feras!

Oh misero mortal, suspende o arrojo!
Doura-te a phantasia, vãs miragens,
Que te seduzem com seus magos prismas,
E julgas abraçar um corpo vivo,
Quando tacteas em dezerto espaço!
Queres a luz que te dissipe as sombras?
Accende-a na razão, verás, oh louco,
Fugirem-te os assomos da vaidade
Que tu sacrilego a scismar proferes!
Lança em redor de ti o olhar profundo.
Não vês a hypocrisia como paira
Em torno dos humanos sentimentos
Astuta envenenando ingenuas crenças?

E as torpes garras do egoismo em sanha
Cravadas, fundas nas acções dos homens?
Não vês a corrupção como caminha
Impavida em seu carro de triumpho,
De lama salpicando a vacillante
Miserrima virtude?...

Vai, desce ao tremedal de vis torpezas
E apalpa a pustula cancrosa ao vicio ;
Verás labios de mãe como sorriem
Arrastando ao pátibulo da honra
A pura, melindrosa e incauta filha !
Verás maternos dedos como arrancão
Da fronte virginal a nivea c'roa
Cingindo-a com a aureola aviltante
Do vicio que a mulher p'ra sempre abysma !
Verás ali brutal ferocidade
Os instinctos da fera em peito de homem,
Nesse que chamas perfeição em tudo !
Verás de gallas adornado o crime
A's doçuras do amor taxando um preço,
Fazendô (oh justos céos!) de um gôzo terno
Traficancia venal, infame venda !
Teus passos guia á pavorosa estancia
Onde vergada ao peso de vis ferros
A humanidade expia os seus delictos.
No olhar esgazeado que te lança
Aquelle homem de aspecto tão sinistro,
Não lês um não sei quê de horrendo e fero?...
Novo Cahim hanhou as mãos no sangue
De seu misero irmão ! Louvor aos homens
Que se espedação quaes famintos tigres,
Quer seja das paixões curvos ao peso,
Quer seja em torno de um pendão que os guie
A' arena do combate onde mil vezes
Ante á força a razão succumbe escrava.

Aparta, oh Creador, aparta a vista
Do vil insecto que no pó se arrasta,
E que, inflamado todo em vão orgulho
O rei da Creação, louco! se chama.

M. J. GONÇALVES JUNIOR.

Agosto de 1868.

VINTE DE MAIO

« Mariage de Mai, mariage de mort »

Proverbio francez.

Salve, grato conviva de meus annos!
Abro-te os braços, vem; de novos damnos
Fujamos ao terror!
Vem sorrir-me, meu dia natalicio,
Tu vês, pobre de mim trago um cilicio,
No peito horrivel dôr!

Qu'importa o coração golfeje sangue,
E a fronte empallecida vergue exangue
Nas aras do soffrer?...
Eu te amo, ó phantasma da tristeza,
Que me dás de outra vida uma certeza,
Além, quando eu morrer.

Salve, archanjo das ténèbras do nada,
Por destino vario — ave espantada
Fugindo ao infinito...
Que vens de tarde, ao esvaecer do dia
Do calvario meu na cruz sombria
Poisar, scitando um grito...

Um grito extenso como o tom do raio,
Um grito agudo, fundo, de um desmaio,
Um gemido de asceta;
Um soluço que exprime angustioso
A historia de um martyrio pavoroso:
— A vida de um poeta!

.....
.....
Mais uma folha desprendeou-se ao tronco,
Ao fero ronco do iracundo norte...
Dei mais um passo pela senda invia
Que mais um dia me acerco da morte.

Vinte e tres vezes tem soado est'hora,
Que commemora meu nascer infausto;
E sempre aos echos m'a repete o ermo
N'um ai d'enfermo, n'um gemido exausto.

Vinte e tres vezes tua aurora linda
De luz infinda tem doirado a terra.
E vezes tantas, tu, 6 Maio, abriste
A rosa triste que o noivado aterra.

E sempre... e sempre, qual da vez primeira,
— Fatua poeira embeberada em sangue —
Lançado a um leito de espinhoso cardo
Has visto o bardo abandonado, exangue.

E passas rindo-te e lhe lanças flôres...
Escarneo á dôres, á desgraça immensa!...
O' passa e brilha;—mas em vez do insulto
Presta-lhe o culto da mais santa crença.

E passa e brilha, meu formoso Maio, —
Nenhum desmaio t'empalleça a luz —
Sómente aponta de teu rumo vario
Em qual calvario devo alçar a cruz.

E após um anno, quando tu voltares
D'ignotos mares de mysterio e sombra,
Dardeja um raio de saudade, um só,
No sacro pó, que é da cruz a alfombra.

J. BERNARDINO DOS SANTOS.

Maio de 1868.

A' MINHA TERRA ✓

Eil-a! sultana altiva dominando
As raias cá do sul;
Só tem por leito o esmeraldino campo,
Por tecto o céu azul.

A's plantas, o Guahyha sussurrante
Serpea em seu vergel;
Ella cinge na fronte soberana
De nuvens o laurel.

Quando a aurora desponta no horizonte,
Resplende o fino véo...
De noite vulgem astros coruscantes,
Luzeiros lá do céu.

E qual noiva de gazes roçagantes
No dia nupcial;
Ella veste as roupagens da neblina,
Na aurora matinal!

Eil-a! sultana altiva dominando
As raias cá do sul;
Só tem por leito o esmeraldino campo,
Por tecto o céu azul!

Os feitos da minha terra
Na historia já são bem grandes;
O vento que aqui campeia
Vem das alturas dos Andes

O lago é céu em bonança,
O céu é lago sereno,
As flores brotão no prado,
E o prado é jardim ameno!

Não tem de Veneza as artes,
Não tem as glórias de Athenas,
Mas vagão lumes à noute,
Tem mil bandos de phalenas!
A lua fulge tão meiga,
E' tão bella a sua luz,
Que nas horas do silencio
Captiva a mente, seduz.

Da laranjeira nos ramos
Solta o colleiro o trinado:
Em doces carmes arrula
A jurity no cercado.
O sol é facho luzente,
A aurora tem resplendores,
As brisas paixão cantando
Sentidas trovas de amores!

Na hora das ardentias,
Deitado na verde alfombra,
Do auricomado umbuzeiro
Dorme o gaúcho na sombra.
Trescalão doces perfumes
De jasmims e nenuphars,
As borboletas vagueião
Na vasta extensão dos ares.

Oh! minha terra formosa,
Meu jardim de amenas flores!
Estrella em sendal ceruleo
Recamado de fulgôres!
Não tens ameias de ferro,
E's livre como o pampeiro,
Vigilante sentinella
Do gigante do cruzeiro!

Eil-a! sultana altiva dominando
As raias cá do sul;
Só tem por leito o esmeraldino campo,
Por tecto o céu azul.

AUGUSTO TOTA.

CHRONICA

— Está concluido o romance de *Victor Valpirio*. O distincto escriptor tão devidamente festejado, sem duvida continuará a colaborar a nossa *Revista*, mandando-nos trabalhos do quilate da *Mãe do Ouro*. *Victor Valpirio* não é uma fronte amadurecida pelos annos; joven, contando apenas vinte primaveras, transcende em vãos desmedidos ás regiões do ideal e equilibra-se nos espaços de sua phantasia. Desde logo presente-se no seu estylo, em cada uma de suas paginas o effervercer de um mundo de idéas, uma imaginação candente e soffrega, que não pára, nem se fatiga; mas que subsiste em continua ebullição.

Vê-se no lineamento de seus quadros, nas imagens, no colorido enfim o pincel do artista inspirado. *Victor Valpirio* extreando assim no romance, deu uma prova cabal de sua preciosa intelligencia. Fructos como *Mãe do Ouro* promettem uma messe.

— Realisou-se na noite de 23 do corrente o segundo sarão do *Parthenon*. D'esta vez a concorrência ainda foi mais numerosa; a sala da sociedade estava litteralmente occupada por distinctas familias; mãis e filhas esperavão o momento em que o illustre preleccionista se occuparia da grandiosa missão da mulher.

O discurso do illustrado presidente honorario da sociedade foi eloquente; o distincto medico desenvolveu plenamente o difficil assumpto, obtendo fervorosos applausos do auditorio.

Depois da prelecção executarão magnificas phantasias as eximias pianistas Exmas. Sras. DD. Ricarda e Clementina Medeiros, Josefina Nolasco e Lydia de Aguiar. A' Exma. Sra. D. Patricia Vieira Lima coube a parte lyrica, em que mais uma vez revelou-se uma amadora distincta.

Recitarão ao piano as Exmas. Sras. DD. Maria José Coelho, Felisberta Vieira Lima e Adelina de Miranda.

Recitarão producções os socios Vasco de Araujo e Silva, Augusto Totta e Christiano Kraemer.

— No dia 21 do corrente completarão-se 84 annos, que deixou de existir na prisão onde se achava, o illustre poeta e patriota Claudio Manoel da Costa, um dos chefes da conjuração mineira.

Registrando aqui o nome de um brasileiro tão merecedor do alto culto de seus concidadãos, rendemos n'estas poucas linhas a homenagem que a mocidade presta ao talento e aos martyres da liberdade. O dia 21 do corrente deve ser uma data memoravel.

— Mais uma sociedade litteraria em nossa capital.

Uma pleyade de jovens esperançosos unirão-se entusiasticamente para erguerem mais um trophéo ás lettras patrias. O *Parthenon* saúda e almeja toda a prosperidade á sua irmã — *Amor á Litteratura*.